

RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÊMICA DE ESPINHO

Composto e Impresso na TIP. PROGRESSO - ESPINHO

AVULSO 2\$50

ANO II N.º 24 (30 DE JUNHO DE 1949)

MANUEL LARANJEIRA

No 37.º Aniversário
da sua morte

Por JOSÉ CORTE-REAL

Por RAMIRO MOURÃO

Se te puzeres a olhar, por muito tempo, sobre o abismo, o abismo reflectir-se-á em ti (Nietzche).

Afinal os Homens superiores pagam bem caro a sua superioridade (Da Doença da Sanctidade).

Eu perguntei aos Homens por ti e os Homens me falaram de ti mas nenhum me repetiu as mesmas frases ou os mesmos pensamentos, porque, para cada um, foste sempre diferente.

Há homens que se mantêm impenetráveis a uma análise psicológica; pois, apreciados na sua projecção exterior, se mantêm ignorados no que são em realidade. Muitas vezes supondo analisar uma alma nada mais fazemos do que criticar uma atitude. Se é fácil, aparentemente, desenhar em traços vigorosos e firmes a personalidade definida do extrovertido, bem difícil é retratar, com maior ou menor fidelidade, a personalidade do introvertido. E onde muitos pensam ter obtido fiel retrato... nem sequer há, às vezes, uma triste caricatura — apenas existe um ridículo fantoche, sem alma, sem espírito.

O introvertido é como que uma alma dobrada em si própria,

mergulhada em si mesma. Não é um comunicativo sentimental — é um ser que sofre em silêncio, chora consigo próprio, pensa em voz baixa e fala consigo mesmo. Único ouvinte das suas próprias queixas, único médico das suas próprias dôres, único crítico dos seus defeitos ou qualidades, termina por criar uma filosofia própria e uma ideia do mundo que só a ele pertence. É um divorciado da Realidade. E, quando colocado em face à Realidade — de que anda arredio — olha-a com o sorriso da ironia, fala-lhe com a gargalhada sarcástica, fere-a com a frase cínica e cortante, de quem a não compreende ou a não respeita.

Em presença da Realidade, de que andou fugido — naquele processo de fuga a que chamamos Idealismo — o Introvertido sente-se um estranho e sente-a como inimiga. E daí a luta contra um meio que considera hostil, uma sociedade que afirma decadente, uma vida que diz inútil. Daí o horror perante a Realidade, a Luta perante a sociedade, o tédio perante a vida.

Começa a germinar no cérebro

do introvertido o conceito paranoide da sua superioridade moral. Começa a concepção da Realidade — Erro, da Realidade — Crime, da Realidade — Mentira.

Da sua impotência para se adaptar a Realidade quando obrigado a pôr-se em contacto com ela — nasce um complexo de inferioridade que ele irá gradualmente sublimando num conceito de superioridade, sem dúvida paranoide, que terá como válvula de escape, na sua máxima intensidade emocional: o Revolucionarismo.

Isto é: como fuga da Realidade — o Idealismo: como luta contra a Realidade: o Revolucionarismo.

Como exprimir esse Revolucionarismo sem ir de encontro, sem negar, a natureza, até aí, introvertida da sua personalidade?

Já não existe o introvertido puro mas, apenas, o introvertido parcial — as ideias que lhe vivem na alma ou lhe transtornam o pensamento, só podem ser compreendidos por um grupo restrito de *eleitos*, de homens extraordinários que, como ele, ultrapassaram a época ou os homens. Só esse grupo de *eleitos* está apto para assimilar as suas ideias e os seus pensamentos; só a ele mostrará a alma despida, sem artifícios, humana e sofridora.

Os outros, os não *eleitos* suporta-os quando os não despreza. E quando fala ao público, à massa anónima, não é o público que vê, não é para a massa que fala... fala para os raros que o compreendem.

(Mas a sociedade continua imperturbável a sua marcha monótona. Não a perturba a voz de mais um revoltado. Continua como a que ignorar a sua existência...)

Principia então a sofrer a Dôr da Incompreensão. Inicia-se o ciclo do Odio contra os Homens, a Sociedade, a Vida.

Começa até a duvidar de si, da sua luta e da vitória.

Então nada se modifica? pre-

A despeito de seu amargo pessimismo Manuel Laranjeira tinha um grande amor à vida — a vida triste e saborosa, como ele algures a definiu.

Suicidou-se, mas só o fez quando se convenceu, como homem de ciência que de facto era, que o seu mal não tinha remédio e que a sua vida estava já por muito pouco. Até essa altura o

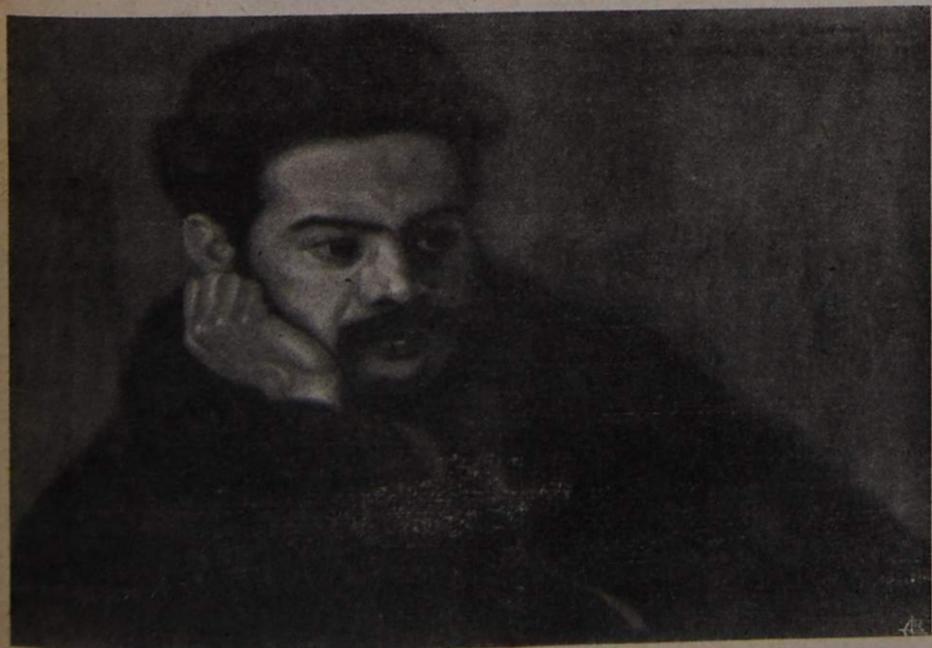


Caricatura de Amadeu Cardoso

sofrimento suportou-o corajosamente. Na noite da sua própria morte e poucos momentos antes dela, tinha-me dito: «o sofrimento físico é estúpido quando inútil e portanto escusado...».

E isto é bem verdadeiro porque Laranjeira foi o último grande romântico da nossa terra e da nossa geração apesar da sua apreciável cultura moderna e do seu realismo aparente. Senão analisemos o que ele escreveu numa das suas melhores poesias: «E não me assusta a morte! Só me assusta ter tido tanta fé na vida injusta... e não saber sequer pra que a vivi».

Afirmou-o, de resto, toda a sua vida: a sua afectividade, os seus amores, até a sua obra cien-



Retrato do Poeta por António Carneiro

Continua na pág. 3

Continua na pág. 3

Propriedade de:
A. Académica de Espinho
(Secção Cultural)

RUMO

BOLETIM DA ASS. ACADÉMICA DE ESPINHO

Redacção e
Administração:
Rua 11-104-ESPINHO

Editor:
ARQ.^o JERÓNIMO REIS
Administrador:
F. DE PINA CABRAL

DIRECTOR:
Higino Augusto Dixes

Redactores:
GOULART NOGUEIRA
HERNANI BARROSA
ANIBAL LACERDA

DUAS PALAVRAS...

Duas palavras simples justificando a homenagem humilde que este numero de «Rumo» representa. Quizeram os novos de Espinho, numa atitude nobre e desinteressada, lembrar a figura trágica do escritor Manuel de Laranjeira. E dizemos lembrar porque o autor do «Comigo» continua esquecido. Tão esquecido que nos parece vingança dos homens pelas verdades que êle sublinhou com garra nas páginas admiráveis do «...Amanhã!» e do «A's Feras...».

Esperamos que a lembrança dos novos de Espinho, frutifique, contagie, alguém com valor e envergadura suficientes para levar o nome de M. Laranjeira ao lugar que lhe pertence nas páginas da Literatura Portuguesa.

Não pudemos elaborar, organizar, o número especial que tínhamos sonhado. Dentro das possibilidades que conseguimos conquistar e do critério adaptado — preferimos a obra do escritor a estudos ou ensaios que revelassem ignorância embora mascarada com nomes feitos — as páginas presentes têm o melhor do nosso esforço.

Oxalá o Futuro justifique o trabalho que tivemos!

G.

Mounet-Sully no "Rei Oedipo"

Continuado da pág. 9

deuses, dos seus mythos, dos seus heroes, que parecem surgir do solo como arvores nativas e se envolvem no ambiente harmonioso da paisagem socegada, sob a mesma luz que inunda e funde tudo na mesma radiosa unidade.

Tudo isso o artista reconstruiu na mente, fragmento a fragmento, linha a linha, plano a plano, gesto a gesto, movimento por movimento, vagarosamente, com a dificuldade dolorosa da lentidão creadora. Depois estatuario de si mesmo, argilla d'um povo, a obra que o seu espirito laboriosamente modelava n'uma gestação silenciosa, um dia irrompeu, nua, quente, viva, divinamente proporcionada, como um marmore antigo.

Um trabalho de intuição é sempre um trabalho de jacto. E', por exemplo, a que fez Adeline Abranches, n'um vôo d'arte raras vezes atingido e nunca ul-

trapassado, realizando esse symbolo de desgraça e sofrimento, de miséria e prostituição, contorcido e mutilado, da Maslowa.

Oedipo, todavia, para a plastica dos homens d'hoje, nervosa e destroçada, constitue um typo desaparecido, que antes de tudo é preciso modelar, a traço forte e definitivo, no espirito. E, se concebê-lo em imaginação, evoluçionando vagamente a travez do trama inteiro da espantosa tragedia e adentro do ambiente helenico, é apenas um trabalho de evocação, moldal-o no espirito e realisal-o com os recursos da plastica d'hoje, deformada e tão diversa da antiga, constituem um prodigio de estudo, de paciente elaboração, que parece inatingivel pelos esforços humanos, porque é uma resurreição.

E o trabalho de Mounet-Sully não é outra coisa, senão — toda uma resurreição de perfeição integral.

MANUEL LARANJEIRA

NOTÍCIA BIOGRÁFICA

«Manuel Fernandes Laranjeira nasceu no lugar da Vergada, concelho da Vila da Feira, no dia 17 de Agosto de 1877 e faleceu em Espinho, na sua residencia á rua Ban leira Coelho, indo ao encontro da Morte com uma bala suicida, trágica ou libertadora ás 23 horas do dia 22 de Fevereiro de 1912.

Matriculou-se na Escola Médico-Cirurgica do Porto, como primeirista representante, a 30 de Setembro de 1899 e terminou o curso em 1904 com a classificação de 15 valores. Só mais tarde, devido ao seu temperamento de irritado insatisfeito e por necessitar de legalisar a sua situação, é que se resolveu a completar a formatura, apresentando-se a 23 de Março de 1907 com a tese A Doença da Santidade (ensaio psychopathologico sobre o mysticismo de forma religiosa) com que obteve a classificação de MB 19 valores.

Escreveu séries de artigos sobre politica, critica social, artistica e literaria, nas seguintes revistas e jornais: *Campeão*, *Theatro Portuguez*, *Revista Musical*, *Arte & Vida*, *Illustração Popular*, *Serões*, *Illustração Transmontana*, *Porto-Médico*, *Pátria*, *Voz Publica*, *Norte*, e *Jornal de Noticias*.

Carta de JOÃO DE BARROS

Ex.^{mo} Senhor Carlos de Moraes, ilustre poeta e distintos camaradas de «Rumo».

Agradeço-lhes que se tenham lembrado de mim para os acompanhar nesta comovente e significativa evocação do nosso inesquecível Manuel Laranjeira. Admirei-o sempre com profundo respeito. Amei-o fraternalmente. Foi uma das mais altas, das mais nobres, das mais completas e sábias inteligências de Portugal. E um carácter de rara qualidade. Quantas vezes o visitei aí, em Espinho, no seu convívio buscando retemperar-me e fortalecer-me contra inevitáveis dúvidas, máguas e melancolias que me punham. Animou-me, encorajou-me, estimulou-me sempre o seu amplo e generoso affecto. Esse dramático suicida não se matou senão pelo desespero de não poder realizar ou de não ver realizado o seu constante e ansioso sonho de perfeição moral e de civismo. Acreditou demais nos homens, e, num momento de, talvez, inesperada desilusão, matou-se. O devoto da beleza e amizade, o combatente pela res-

surreição da sua pátria e pela democracia, nunca foi um pessimista nato, nem um ceptico de temperamento e de alma. Conservava aquela doce ingenuidade de coração que jamais perdeu as personalidades superiores. No seu retiro e refúgio voluntário de Espinho, era uma consciência cósmica, uma vida em que o universo das coisas e dos seres irradiava, vibrava, e vivia.

Temos de fazer editar as suas prosas dispersas — ensaios e criticas — para que se verifique bem até que ponto esse pensador nos oferece, nos legou uma lição de singular, ardente e exacta compreensão do mundo, da humanidade e da arte. Mas bastanos contemplar o retrato que dele nos deixou António Carneiro — o olhar simultaneamente agudo, pesquisador e carregado de lirismo a boca enérgica, a face vincada de precoces rugas, e a fronte iluminada de íntima, de secreta claridade — para advinhar o complexo mistério da sua emoção e o perene e veemente anseio da sua mentalidade criadora.

Junho, 1949.

João de Barros

ETERNIDADE

Que outros venham chorar a tua Morte... Eu não!
Eu não quero chorar-te mais, força perdida,
Mas que foste um clamor, uma aurora, um clarão,
Rasgando, lado a lado, o mistério da vida!

Abafem-se de vez os últimos soluços,
Enxuguem virilmente os olhos razos d'agua...
Que ninguém, sobre a terra, a prescute, de braços
Tentando ouvir-te ainda a voz cheia de mágoa!

Deixem perder-se além, no murmúrio do Mar,
Os ecos da saudade, o pranto da amargura:
Tudo o que em ti clareava existe, a irradiar
A mesma luz profunda, a mesma chama pura!

Amamos o teu sonho. E se o teu corpo exangue
Nem o despertaria o meu abraço ardente,
Nas nossas veias corre um pouco do teu sangue,
O teu ideal revive em nós, perennemente!

Revive como um grito, um canto que nos leva
À beleza, à bondade, à maior perfeição
— Boca chamando o Sol no silêncio da treva,
Beijo que desce ao peito e acorda o coração!...

E assim eu venho aqui, Poeta da ansiedade,
Meu irmão no desejo e na arte e no amor,
Evocar-te somente em força e eternidade,
Para além do que foi teu mal e tua dor...

Trago louros nas mãos, e o mirto verdejante,
Aos lábios não me assoma a queixa duma prece.
Vibro na exaltação dum ritmo triunfante,
Nas palavras que digo o Futuro estremece!...

Porque ao mundo ofertaste o cândido sorriso
Não sei de que perenne e límpida manhã,
Em que a esperança guia o seu rumo indeciso
E a verdade do amor desponta, e é nossa irmã...

João de Barros

Este «SUPLEMENTO» foi organizado e orientado por ANTÓNIO GAIO

Manuel Laranjeira deixou impresso em volume:

... Amanhã — (Prologo dramático) — 1902

A Doença da Santidade — (Ensaio psycho-pathologico sobre o mysticismo de forma religiosa) — 1907.

A «Cartilha Maternal» e a Physiologia — (Ensaio medico-biologico sobre o valor educativo do methodo de João de Deus applicado no ensino da leitura) — 1909.

Commigo — (Versos d'um solitario) — 1912.

e os manuscritos de:

A's Feras — (Drama em 1 acto) — Fevereiro, 1908.

N'aquelle engano d'alma... — (Farça para amadores em 1 acto — Maio, 1911.

Almas romanticas — (Peça em 3 actos) — incompleta.

O Filosofo — (Teatro) — Incompleto, 1898.

MANUEL LARANJEIRA

Continuado da pág. 1

gunta a si próprio. A vida continuará naquela monotonia que o enerva, obediente ao convencional e ao pre-estabelecido?

O tédio pela vida torna-se mais intenso. Isola-se cada vez mais dos Homens. Odeia-os. São escravos. Não têm personalidade. E lenta mas assustadoramente mergulha no Desespero.

Manuel Laranjeira nasceu em meio agreste, em aldeia esquecida. Filho de gente rústica e inculta, com a rude educação do campo e a instrução do analfabeto, pobre gente duma simplicidade antiga e rústica que ignoram as complicadas coisas da alma moderna, Manuel Laranjeira sentir-se-á dentro da Família horrivelmente sózinho, não só no modo de pensar mas também no de sentir.

Uma das maiores tragédias do Homem intelectual é viver no seio duma família que o não compreende. E daí deixar de ser um comunicativo mas tornar-se um reservado quanto aos seus problemas psicológicos. Em vez de procurar ser compreendido torna-se, pouco e pouco, um desconhecido — um desconhecido que se divorcia do próprio meio.

Manuel Laranjeira nasceu no morrer do século XIX, desse século que influenciou de modo trágico os destinos dum Antero, dum António Nobre, dum Camilo e dum José Duro. Também o influenciará a ele, filho dum século de tristeza, de ansiedade impossíveis de satisfazer — de tédio em suma.

Laranjeira mesmo após a sua morte mantém-se ignorado do público. E isso explica-se pelo aparecimento dos grupos da Águia, do Centauro, do Orfeu, da Presença, etc... que, pelas suas características inovadoras, haviam de subjugar as atenções literárias. Talvez por isso a personalidade de Manuel Laranjeira se mantém tão confusa, tão estranha, tão inexplicada.

Trinta e cinco anos viveu Manuel Laranjeira. De tão curta vida, que se diria que não chegou a ser vivida, o Poeta afirmará:

*O desejo de viver
Já não tem asas, e a vida
Dá vontade de morrer...*

Este pessimismo num homem tão moço é em parte explicado pela doença que desde cedo o ataca: a tabes. A tragédia psicológica de se saber doente é ainda aumentada pela profissão — a de médico.

Fisicamente é uma figura que a muitos se desenhará ridícula.

Um rosto feio onde brilhavam dois olhos negros, aveludados, doces. Uma cabeleira hirsuta e mal cuidada. Uma face de prognata onde brinca furioso um bigode em riste. Cabeça grande em pescoço curto; um arcaboijo magro em tibias de arame.

Geralmente trajava de preto; um fato preto, pôrco, sujo, cheio de nódoas.

Tinha um andar miudinho, incerto, ridículo, prestes a desarticular-se.

UMA CARTA DE

TEIXEIRA DE PASCOAES

Respondo à sua amabilíssima carta que muito agradeço, lastimando não poder, nesta ocasião, consagrar um estudo desenvolvido acerca de Manuel Laranjeira, essa grande pobre alma desgraçada!

Conheci-o no Porto. Foi-me apresentado por alguém de quem me não lembro, num café que já não existe... Eu era ainda um estudante de Coimbra, um entusiasmo juvenil que se embriaga até com a água da fonte e abre uns olhos espantados para todas as cousas que merecem apenas um bocejo de tediosa indiferença a toda a gente, — esse sujeito (ou antes objecto) gordo, que almoça e dorme bem, e soube compreender esta grande verdade: o Mundo é para os animais...

Ele era também um ébrio, mas desesperado e irritado, com uns bigodes em riste, num rosto carcomido e feio, onde brilhavam, febris, dois olhos negros.

O nosso encontro prolongou-se algumas horas, acolitado por dois «groggs», bebida de que ele gostava imenso! Foi um conflito animado entre duas almas diferentes, mas logo amigas, porque as ligava um traço de união: a sinceridade moça e entusiasta. O alvoroço das nossas palavras perdia-se, a tremer com frio naquele ambiente de bons burgueses que amam a burra e o dominó... Do que nós falamos, santo Deus! De todas as cousas possíveis e impossíveis, desde o trovão admeidista muito em voga até ao Zartrusta, de Nietzsche que ninguém percebia! Política, ciência, poesia, filosofia, tudo saltava, ao mesmo tempo, em mil faiscas, das nossas palavras encandescentes, ingenuas como luzes...

O rodar dos carros, a vozearia dos «habitués» e esse inconfundível ruído portuense de marfim batendo em pedra marmore que remoi o ar fumarento dos cafés e sobretudo os ouvidos provincianos, afeitos ao silêncio dos vales e dos montes, quando a noite apaga as vozes do homem e acende as estrelas de Deus... — nenhum barulho conseguia distrair-nos daquela adorável intimidade que, de repente casa duas almas consumidas pelo mesmo sonho!

Desde esse encontro sentimental e exaltado entre o meu idealismo instintivo e a sua aspiração cientificamente orientada, ficamos a ser dois amigos; — ele, em Espinho, e eu, em Amarante. Apesar da pequena distancia, só o tornei a ver duas vezes; — uma em Espinho, numa rua larga e paralela ao mar, onde passeava um vento furioso, lançando areia aos olhos dos transeuntes mortificados: é a ultima, no Porto, num restaurante que pertencia a um homem espesso e gordo da minha terra. Então, já a terrível tragedia o alanceava, e o derradeiro acto se anunciava para breve! Ele não esperou que o pano caísse de per si. Ele proprio o fez descer violentamente entre a sua pessoa que para sempre se escondeu e os fervorosos amigos e admiradores que para sempre o hão-de chorar.

Agora, restam-nos os seus versos tão embebidos em amargura e as suas cartas, onde ele expoz, a fugir, seus modos de encarar as cousas e os homens, numa forma impressionante e dolorosa.

São reliquias dispersas, mas o martir está nelas presente e vivo, como outrora na sua presença carnal.

É a justíssima homenagem que lhe vão prestar os seus admiradores de Espinho, é uma prova eloquente do que afirmo. Só me pesa concorrer para ela com estas pobres e insignificantes palavras escritas à pressa, não por falta de vontade, mas por falta de tempo e de talento.

De V. Ex.^a amigo muito agradecido

a) Teixeira de Pascoaes

Esta carta foi escrita ao poeta Carlos de Moraes.

Nada neste homem fazia adivinhar o pensador profundo, o cavaqueador infatigável, o crítico mordaz e implacável: nada fazia adivinhar o seu forte poder de observação e a facilidade de assimilação.

Manuel de Laranjeira é, acima de tudo, um espírito sedento de Luz, de Verdade e de Justiça; um espírito que tinha necessidade de idealismo e o reclamava ao mundo.

Dentro do seu século é um deslocado, um inadaptado que manifesta o seu deslocamento, a sua inadaptação, pelo tom de revolta das suas atitudes. Tão inimiga sente a sociedade em que vive, tão imperfeita a encontra, que não lhe repugna afirmar: *Neste malfadado país, tudo o que é nobre suicida-se.* Talvez por

isso, em presença da Realidade que o desgosta e irrita, a Realidade que não acha digna de viver, tenha tido momentos em que sente agitar no fundo do seu ser a ansiedade suicida do esquecimento e do repouso. Ele próprio confessa ter medo de afogar-se numa dessas vertigens. Medo por si não porque a vida não lhe importa; medo, pelos outros, por causa dos quais está condenado a viver.

Sim, em presença da Realidade, sente-se sempre lutador. Cansado, algumas vezes, da luta, foge então à Realidade. E' então poeta. Sem poesia a vida ser-lhe-ia um fardo insuportável e fatigante. A poesia é a sua fuga; os seus versos fá-los exclusivamente para si, embora quando

Continua na pág. 7

NO 37.º ANIVERSÁRIO

da sua morte

Continuado da pág. 1

tífica e literária, com as suas predilecções artísticas sobretudo.

Filho de um pai alcóólico — de uma mulher do povo analfabeta mas muito inteligente e profundamente religiosa com irmãos incapazes de aprender a ler e contar até cem, Laranjeira era uma personalidade aparentemente paradoxal, determinista e talvez céptica, mas no fundo um grande sentimental.

O grande e ilustre Unamuno que o conheceu por acaso e que em seu íntimo amigo se transformara, disse dele nas «Cartas»: «Foi Laranjeira que me ensinou a ver a alma trágica de Portugal, não direi de todo o Portugal, mas sim do mais fundo, do maior. E me ensinou a ver não poucos trechos dos abismos tenebrosos da alma humana. Era um espírito sedento de luz, de verdade e de justiça. Matou-o a vida. E ao matar-se deu vida à morte».

«O seu livro Comigo (Versos dum solitário) não nos comunica a sua alma toda. Está ali demasiado concentrado o seu pensamento. Era preciso ouvi-lo falar. E como fala nas suas cartas, creio que o seu epistolário é o que melhor nos revela toda a grandezza da sua alma».

«Iluminou a sua cabeça que era poderosíssima no pensar, com a chama do próprio coração, que o levava incendiado. Conheci poucos homens que juntassem a uma inteligência mais clara e mais penetrante um sentimento mais fundo. E por isso sucumbiu. Nele, como em Antero, a cabeça e o coração travaram rija batalha».

«Foi um grande, um muito grande pensador, mas foi acaso um sentidor maior ainda. E não morreu. Vive em nós, os que lhe quizemos e viverá em todos os que o compreendam».

Creio bem que estas palavras de um estrangeiro que, como Laranjeira, foi profeta saindo da sua própria terra, falam bem por mim que tão seu amigo fui e com uma autoridade que eu nunca poderia obter. Consola-me a ideia que ele manifestou, um dia, falando dos seus mortos queridos e que era a de que eles vivem e viverão sempre dentro de nós. E vivem!

Pobre e querido Manuel Laranjeira!

Porto, Fevereiro de 1949.

Remiro Mourão

Sê bom assinante do

R U M O

angariando assinantes

AMOR

Da Peça "ALMAS ROMÂNTICAS"

No corredor ouvem-se passos. Maria Augusta aparece à porta da direita. Turcifal, que tem andado a passear agitado, pára admirado de a vêr ainda de pé.

Turcifal:— Tu, Maria Augusta? Não te deitaste ainda?

Maria Augusta:— Ainda não. A criada não lhe disse nada?

Turcifal:— Diria... Não ouvi

Maria Augusta:— Naturalmente ella esqueceu-se de lho dizer. Não me deitei porque preciso de fallar comsigo...

Turcifal:— E' solemne?

Maria Augusta:— E' grave.

Turcifal, (deixando-se cahir no sofá:— Ouçamos.

Maria Augusta, (aproxima-se do sofá e ao encarar com Lina diz:— Agora reparo. Tu choraste!

Lina, (sorrindo):— Não foi nada... E' muito feliz quem ainda pode chorar!

Maria Augusta, (com um sorriso amargo):— E, é! (Para Turcifal n'um ar de censura amiga): Sabe que é muito feio fazel-a chorar?

Turcifal, (imitando-lhe o tom de censura affavel):— Sabes que é muito feio importar-te com aquillo que não é da tua conta? (Mudando de tom) Ouçamos.

Maria Augusta, (mostrando-lhe a carta que trazia na saquinha de prata:— Conhece esta letra?

Turcifal, (reparando attentamente):— Demonio! Isto é uma lettra banal, que se parece com a lettra de toda a gente, Pode ser que a conheça, mas não recordo... Esta é a carta que te mandaram há bocado?

Maria Augusta:— Não. Esta mandaram-m'a agora mesmo. A outra, rasguei-a... E estava para rasgar esta tambem...

Turcifal:— Porquê?

Maria Augusta:— Porque me não importa saber o que ellas dizem...

Turcifal:— E que é que a outra carta dizia?

Maria Augusta:— Não sei. Rasguei-a sem a ler...

Turcifal, (comprehendendo):— Acaba...

Maria Augusta:— Quando eu cheguei de casa da D. Julietta, fui sentar-me ali no desvão daquelle janella... De repente appareceu-me um desconhecido a dizer-me coisas que já me não lembram e a pedir-me perdão de me ter abandonado p'ra casar rico...

Lina, (com surpresa):— Ah!

Turcifal:— Que é que elle queria? Recomeçar?

Maria Augusta:— Elle disse que "queria o meu perdão— para morrer em paz". Dei-lh'o: não custa nada a perdoar àquelles que desprezamos...

Turcifal:— Eloquentemente é elle... Para morrer em paz?

Maria Augusta:— Claro que não! Quando lhe perdoei, elle perdeu logo o desejo de morrer em paz... O meu perdão foi para elle— "uma ressurreição moral".

Turcifal:— Já se vê: queria recomeçar?

Maria Augusta:— Sim, creio que era isso o que elle queria— que fossemos reviver... a triste comédia!

Turcifal:— E tu?

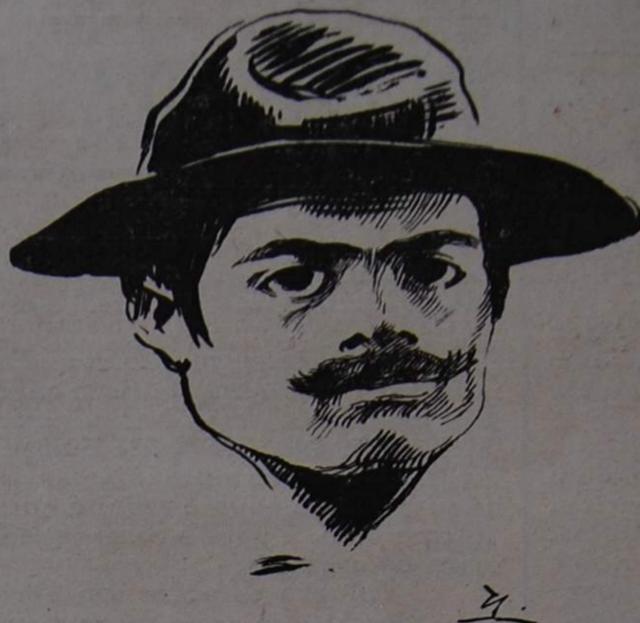
Maria Augusta:— Eu que havia de responder-lhe senão que fosse... morrer em paz? Como poderia eu reviver a vida, se eu me sinto morta— morta cá por dentro? Ah! não, eu nunca mais poderia ressuscitar— para elle, pelo menos!

Turcifal, (como se ouvisse palavras extranhas):— O quê?! (Cravando-lhe um olhar penetrante:) Maria Augusta, olha bem para dentro de ti mesma, sem medo á verdade: deveras? Tu já o não amas?

Maria Augusta, (glacialmente):— Não. Despreso-o.

Turcifal, (fitando-a com assombro):— Ah!

Maria Augusta, (com um sorriso amargo, cruel):— E' horrivel, não é,— a gente poder rir-se daquillo que já nos fêz chorar? Mas é assim a vida: esquecer e assistir ao espectáculo do nosso proprio esquecimento...



Desenho de Carlos Carneiro

É não me assusta a morte!

[Só me assusta ter tido tanta fé na vida

[injusta ... e não saber sequer p'ra

que a vivi!

Lina:— E p'ra filha não teve uma palavra sequer?

Maria Augusta:— P'ra quê? Elle queria ressuscitar... só para mim!

(Um silencio. Maria Augusta tranquilamente começa a rasgar a carta em pedacinhos muito regulares.)

Turcifal:— Sem a lêr ao menos?

Maria Augusta, (serenamente):— Que me importa saber o que me diz esse homem, se eu o despreso, se, para mim, elle é— um morto?

Turcifal:— Ha mortos que vivem sempre dentro de nós.

Maria Augusta:— E há vivos que começam por morrer dentro de nós... (Vae a uma janella do fundo e lança fora os fragmentos da carta.)

Turcifal, (levanta-se e segue-a agitado):— Eis ahi o que é de veras extraordinário! E' que pudesse morrer dentro de ti esse homem que tu amaste! E tu amastel-o?

Maria Augusta, (depois de cerrar a janella):— Amei.

Turcifal:— Amastel-o devéras?

Maria Augusta:— Devéras. Eu não sei amar de duas maneiras.

Turcifal:— Sim, tu não tens uma alma vulgar! Tu és das que amam uma só vez na vida, ou o amor é uma mentira... E será...

Maria Augusta:— Se ha alguma coisa que não seja uma mentira— é o amor.

Turcifal:— Mas tu sabes que verdadeiramente só se ama uma vez na vida?

Maria Augusta, (indecisa):— Creio que sim... (Com voz firme:) Sim, só uma vez!

Turcifal:— Mas tu hoje não o amas?

Maria Augusta:— Não. Despreso-o, como quem despresa... —que sei eu?— a lama que se calca e nos suja.

Turcifal:— E' extranho! Dentro de ti ha um mysterio...

Maria Augusta:— Ha muitos mysterios...

Turcifal:— Mas ha um que eu desejaria entender: como esse amor morreu dentro de ti... Sabes explicar-m'o?

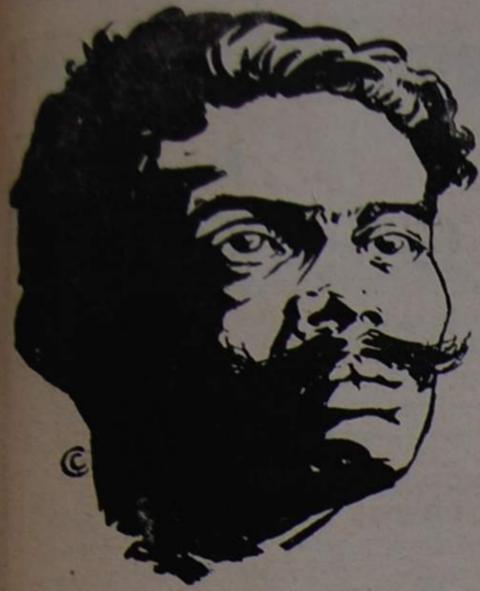
Maria Augusta:— Eu não o vi morrer. Quando reparei, já elle estava morto... (Pousando-lhe uma mão num hombro, a fita-o e a sorrir enigmáticamente:) Mas houve alguém— recorda-se?— que uma vez me explicou como um amor morre dentro de nós...

Turcifal, (com espanto):— Quem? Eu?

Maria Augusta, (com o mesmo sorriso):— Sim.

Turcifal, (taciturno):— Não me lembro...

Maria Augusta:— Lembro-me eu... Foi assim: Dentro de cada um de nós ha um idolo de amor, ha um phantasma d'amor... E' esse que nós amamos sempre. Se por essa vida encontramos alguém que se parece com o nosso phantasma— amamol-o... Amamol-o? Não: na verdade nós o que fazemos é amar em alguém o nosso idolo d'amor. Amando alguém, não fazemos senão amar fora de nós, o phantasma que vive dentro de nós... Deixar de amar é reconhecer que alguém se não parece com o phantasma que todos trazemos cá dentro... As primeiras palavras de desamor são sempre palavras de desengano. São sempre estas: "enganei-me: não és quem eu imaginava"; ou estas: "não nos comprehendemos". Perder o amor a alguém, não é deixar de amar: é reconhecer que esse alguém se não parece com o idolo que nós trazemos dentro de



P Á G I N A S

DO DIÁRIO ÍNTIMO

Da «DOENÇA DA SANTIDADE»

MISTICISMO

1908

Maio, 1

Recebi agora um telegrama insistindo commigo para eu ir esta noute ao Porto assistir à representação d'um excerpto do «... Amanhan», no A'guia d'Ouro.

Não vou. Não supporto o publico quando pateia e muito menos quando applaude. Haja ou não haja quem me admire—adiante, Je m'e u fous. Que eu tenha de soffrer-lhes a admiração—isso é que é intoleravel.

Isto em mim afinal, é um orgulho desmedido. Para mim o publico é a esphyngue com orelhas de burro, e a celebridade—o manjar das vaidades triviaes.

Tolerar o público—seria collocar-me abaixo de mim mesmo, abaixo do que eu penso de mim mesmo.

Maio, 2

Vieram dizer-me que o excerpto do «... Amanhan» fôra representado d'um modo simplesmente extraordinário.

Ora eis aqui o inconveniente de o ter escrito! não poder assistir à representação, nem do fundo d'uma galeria anonyma! Se o conhecimento do temperamento do artista não

fosse indispensável para o estudo e comprehensão da obra d'arte, valia a pena publicar os livros d'autor. Mas onde existe ahí o artista capaz de colocar-se fora da sua obra d'arte, ou, como pretendia Flaubert pairar por cima d'ella como o espirito de Deus por sobre as águas?

Maio, 8

Hoje ouvi a Orchestra Philarmónica de Berlim a executar Wagner e Beethoven, este sobretudo. Foi a oitava symphonia.

Já não morro sem ter ouvido como um Deus—o deus triste que foi Beethoven,—canta a alegria ideal de viver. Agora comprehendo bem o motivo porque Beethoven foi infinitamente triste, trágicamente triste, divinamente triste: agora comprehendo a melancholia olympica do solitário de Viena: porque concebeu e sonhou uma alegria que não existe, porque estendia os olhos pela terra, na ancia de a ver radiosa e exhalando claridades e a terra era sombria—como elle.

Maio, 9

Hoje ainda a orchestra de Berlim, executando Wagner e Beethoven. A quinta symphonia—explosiva e heroica, com um scherzo que faz lembrar o ramalhar surdo dos pinhaes em tardes de outonno e faz evocar psalmos cantados a meia-voz, rezados, por Deuses solitários.

Decididamente o mundo pode afundar-se em ruinas que não me causa mágoa nenhuma.

Não levo saudades d'elle—enquanto na memoria me estiver cantando triumphalmente essa symphonia épica.

Junho, 3

Invade-me a infinita tristeza da

existencia, o tédio infinito da vida, dos homens e das causas.

Tudo é d'uma instabilidade asquerosa!

Se eu pudesse ao menos—ser alegre e abafar no ruido este aborrecimento sem fim!

A's vezes lamento-me de não ter nascido estúpido, muito estúpido, como a estupidez.

Junho, 24

Passo o dia a trabalhar, a escrever. Tenho por momentos a impressão de que na vida ainda vale a pena fazer alguma cousa.

Consolo illusório, bem sei! Amanhan voltarão as horas enfiadas e a eterna pergunta—para quê? Sinto-me deslocado do meu tempo... talvez por ser do meu tempo. Mas tenho a impressão de que devia ter nascido ha dous seculos ou daqui por dois seculos...

Junho, 28

Continua o tédio de hontem e o sonno doentio de hontem.

Sinto que a vida é igual e parada, como uma planura gris e sem fim que temos de atravessar debaixo d'um ceu abafado e sujo.

Se ao menos o ar fosse transparente e leve e a luz não fosse tão espessa, terrosa...

Julho, 23

Cahe um nevoeiro que nos põe os nervos como lama. Desce, envolve tudo. E a alma gris e paralyzada sente-se como aquelas aves que, d'azas molhadas tentam de balde voar pelas alturas e não conseguem senão arrastar-se pela terra. Esta atmosphaera molhou-me as azas. O remédio é ficar-me ahí para um canto, como as aves que não podem voar, a tiritar arripadas, nostalgicas e aborrecidas.

Diz a sabedoria popular que ninguém nasce ensinado, e, por outro lado, a experiencia quotidiana confirma que o homem, mesmo na hora extrema da sua vida, melhor—nos momentos finais da sua evolução, ainda tem plasticidade bastante para aprender alguma cousa. Aprender até á morte, diz ainda a sabedoria popular. De facto o homem passa a vida sobretudo a aprender: é o que os biologistas exprimem, dizendo que o cerebro do homem é um órgão que nunca atinge o estado adulto.

Uma das funções do cerebro é saber, é conhecer. E, como a experiencia de todos os dias diz que, em qualquer momento da sua vida, o homem ainda é susceptivel de aprender alguma cousa, isto é, ainda tem capacidade para saber mais, é facil concluir que o seu cerebro é um órgão indefinidamente educavel, que ainda não adquiriu a fixidez do estado adulto, pois continua tendo plasticidade sufficiente para adquirir novos conhecimentos, novas funções; e é facil concluir tambem que, sob o ponto de vista mental e affectivo, o homem é um ser que ainda está muito longe do termo da sua evolução e que precisa consequen-

DA «CARTILHA MATERNAL E A FISILOGIA»

temente, de realizar continuas accommodações das suas condições [internas ao condicionalismo do meio. Isto basta para deixar entrever a importância formidável, verdadeiramente decisiva, que a educação representa na vida do homem e das sociedades.

Nem em todas as especies animaes isto acontece assim, bem sei. Ha seres que nascem adultos, que nascem ensinados já. A abelha e a ave não precisam de aprender para saber fabricar células e tecer ninhos. E para construir palácios o homem estuda primeiro architectura, e ás vezes nem assim. E' sobretudo na vida dos insectos que a educação desempenha um papel por assim dizer quasi nullo. E digo desempenha, porque, se a educação, de facto já não intervem, interveio, comtudo, successivamente, em muitas gerações anteriores para a criação d'essas funções maravilhosas, instinctivas. A educa-

ção, se as não creou totalmente, ajudou todavia a creal-as, e concorreu para as intensificar. E' um dos principios lamarckeanos. Depois a selecção natural fixou-as e a hereditariedade transmittiu-as. Esses seres não precisam pois de ser educados, porque nascem hereditariamente ensinados, hereditariamente educados.

Mas com o homem não succede o mesmo. O homem não nasce adulto já, isto é, hereditariamente ensinado. E é por isso que, na sua vida, a educação desempenha ainda um papel maximo, decisivo, para a sua evolução individual e social. A experiencia não é realisavel, a não ser em certos romances d'aventuras inverosimeis, onde é illimitado o direito de phantasiar livremente. Mas eu creio que, subtrahido a toda a influencia educativa, o homem não passaria d'um animalito bem lastimoso e triste, e o seu espirito d'aguia, quando muito, poderia apenas tentar

«O que é mysticismo? A primeira definição que ocorre é aquella que decorre da vulgar observação dos factos. E, n'este caso, o mysticismo é uma ascensão da personalidade humana até à divindade, nas suas formas nobres, e, nas suas formas mais grosseiras, uma comunicação secreta do homem com o sobrenatural.

N'esta definição estão incluidas todas as modalidades que vão desde o messianismo até ao feitichismo: ela abrange os grandes fundadores de religioens, os prophetas, os santos, os possessos, os feiticeiros.

Mas não é tudo e é demasiado.

O homem pode attingir a divindade, ou communicar com o sobrenatural, pela intelligência ou pelo sentimento. D'ahí o facto do mysticismo revestir duas formas: a forma mental—Theosophia; a forma affectiva—mysticismo contemplativo, ascetismo.» (pg. 5).

«...Não deve... o mysticismo ser definido pela forma superficial que reveste o seu objectivo: elle deve sobretudo ser definido pela sua estrutura, pela sua genese e evolução, como syndroma d'um estado psychopathico.» (pg. 8).

«O temperamento mystico pode definir-se como sendo uma tendencia a exaggerar, não só as cousas politicas e religiosas, mas também a exaggerar todas as cousas que giram em torno d'um systema doutrinario, d'um ideal de moral. O temperamento mystico pode definir-se abreviadamente

Continua na pag 8

vãos de ganso domesticado.

Schopenhauer dizia azedamente que o homem era o unico animal que—se habituava a tudo. As palavras do misanthropo de Francfort são a tradução em linguagem pessimista da influencia prodigiosa e nefasta que as condições externas podem exercer sobre o condicionalismo interno da vida humana. E o que é facto, é que, sob o ponto de vista intellectual e moral, o homem é um ser maximamente educavel e maximamente corruptivel. Tanto basta para antes de tudo se examinar o valor do systema ou do methodo educativo que lhe vae ser applicado, e se veja se esse systema ou methodo obedece nos seus principios, ao condicionalismo physiologico mais favoravel para a realização do desenvolvimento phisico, intellectual e moral, da natureza humana.

Ora uma das cousas que desde logo impõe á nossa consideração a «Cartilha Maternal», como methodo applicado ao ensino da leitura, é precisamente João de Deus ter pensado, muito antes de o elaborar, no condicionalismo physiologico do desenvolvimento infantil. João de Deus foi

Continua na pag. 8

"Quando os outros te não entenderem, falla comtigo mesmo"

A' TARDE

A tarde lenta cahe. E cahe tambem
uma melancholia venenosa,
meu Deus! que se não sabe donde vem...

E vem como uma sombra vagarosa
que chovesse d'um ceu crepuscular...
Vem subindo da terra dolorosa
Como um grande diluvio de pezar,
como um olhar de dôr silenciosa
que tentasse subir para as estrellas
e ficasse disperso pelo ar...

E vem do fundo d'alma... Prescutasse
a gente o coração p'ra sentir bem
que é lá no fundo d'alma que a dôr nasce
e é de lá sobretudo que ella vem...

De lá! de lá do fundo! bem do fundo
de nós mesmos!... e lenta vem subindo
aos olhos que a reflectem, reflectindo
na nossa dôr a dôr de todo o mundo!

Dolorosamente
a tarde exausta morre de canção
e parece que soffre a natureza...
Anda uma luz de cinza pelo espaço
e lentamente
envolve as coisas todas de tristeza...

E a tarde cahe nos olhos e entristece-os...

E toda a melancholia,
de lá do fundo d'alma aonde está,
vem-nos subindo aos olhos e escurece-os...

Os olhos escurecem e dir-se-ia
que é de lá
que a tristeza das coisas irradia...

A tristeza das coisas... Afinal
ó tristeza das coisas, tu existes
dentro de nós, em nossas almas tristes,
como um echo da dôr universal!

O' silencio das coisas, é ouvindo
o proprio coração que te escutamos!
E as lagrimas das coisas vão cahindo
...e somos nós que as choramos!

Sim, nós!... Quem soffre e chora, somos nós!
um choro de cobardes e vencidos,
n'essa hera de sombra em que, tranzidos,
olhamos em redor... e estamos sós!

Sós! todos sós! O' almas solitárias,
vêde a tristeza da tarde!
E' vendo-a que a noss'alma desolada
se sente mais sozinha, abandonada,
e o nosso coração é mais cobarde...

E' vendo a claridade agonisar,
como um olhar voluptuoso e triste,
que sentimos subir-nos surdamente
aos olhos o desejo de chorar
baixinho, docemente,
sobre o peito d'alguem... que não existe!

E, quando sobre o mar
cahe a noite do ceu pesadamente,
a gente sem querer... põe-se a chorar!

NO MEIO DA CHARNECA

Erguem-se as mãos para colher no espaço
as estrellas (o Sol ou a Mentira
a que a noss'alma ambiciosa aspira)
e os braços cahem mortos de canção.

E os olhos querem n'um supremo abraço
beber ainda a luz que lhes fugira;
mas, cançado de olhar, o olhar expira,
perdido pelo ceu deserto e baço...

E' então quando o labio empallidece
como o d'um réu de morte, ou quando solta
um grito de blasphemia ou de prece...

Perde-se a voz p'ras bandas do infinito:
da abobada do abysmo só nos volta
...o echo quasi morto d'esse grito.

A SÓS

I

Quantos castellos vão meu coração
fundou no vento incerto (que cegueira!),
desfeitos em ruinas e poeira,
eil-os todos dispersos pelo chão!...

Torres soberbas, torres de illusão,
fundadas sobre a vida traiçoeira,
ardeu-me tudo, tudo; e da fogueira
restam-me as cinzas d'esse mundo vão.

Oh ruinas de quanto já ergui
com alma enfebrecida e desvairada!
cinzas mortas das torres que eu perdi!
dormi, oh cousas vans, o eterno somno,
—como dorme uma lampada apagada
no meio d'uma nave... ao abandono.

II

Oh minh'alma, já basta de sonhar!
e basta de soffrer ao ver desfeito
o sonho que abraçamos contra o peito,
com ancia de reter, de o prolongar!
Que remedio senão desesperar,
se tudo quanto existe é imperfeito?
Descança coração insatisfeito!
Dormi, olhos cansados de velar!
Porque ha-de a phantasia enfebrecida
buscar a perfeição de quanto existe
e encher de sonhos vão a nossa vida?
se é por isso que somos desgraçados,
por sonhar tanto e em vão; e a vida é triste,
porque é feita de sonhos desmanchados...

III

Louca ambição
de eternizar um' hora e de viver-a
avidamente, assim eterna e bella,
deixa-me em paz, já basta de illusão!
Não venhas perturbar-me o coração!
deixa-o descreer! deixa-o dormir! e aquella
hora suprema, oh deixa-me esquecer-a,
desejo vão!

E tu minh'alma louca, tu medita
e considera: a sêde é infinita,
...e assim se vive a vida, a vida triste,
—a desejar aquillo que somente
existe no desejo (que nos mente)
...ou aquillo que nem sequer existe.

MANUEL LARANJEIRA Algumas Recordações

Por JOSÉ CORTE-REAL

Continuado da pág. 3

de Roberto Fernandes

diga para si queira abranger aqueles que pelo espírito e pelo coração, considera como fazendo parte de si mesmo.

Em presença da Realidade, M. de Laranjeira é um revoltado; mas não um militante. Será sempre um cerebral e um sentimental. Diz-se Republicano. Mas será sempre um idealista. Um homem, como ele, em qualquer regimen e em qualquer sistema, norteado por ideias que poderíamos afirmar utópicas, seria sempre — o que ele foi — um Revoltado.

A nevrose é o resgate do génio, a consequência amarga e dolorosa, da superioridade intelectual (Grasset).

Indubitavelmente M. de Laranjeira é um neurótico que amamenta a sua nevrose com o abuso do café e do tabaco, que lhe provocam insónias terríveis.

Manuel de Laranjeira é uma pilha de nervos, um temperamento irascível, que ao menor contratempo se irrita, se desespera e grita, chegando a ser mal-educado. Mas, facto interessante, após um paroxismo de ira produzida com mais facilidade e com mais brilho. Obedece, muitas vezes, ao impulso do momento. No 1.º momento de tédio atiraria toda a obra ao lume, mas se tivesse destruído a sua obra, destruiria algo de si próprio. A sua obra é a expressão da sua alma. Só escrevendo se revelará. Só escrevendo porque ele é um homem que goza muito em ser espectador de si mesmo e que se arripia com a ideia de que os outros o vejam. Como sabe que os outros o não compreendem, afirma: quando os outros te não entenderem fala contigo mesmo.

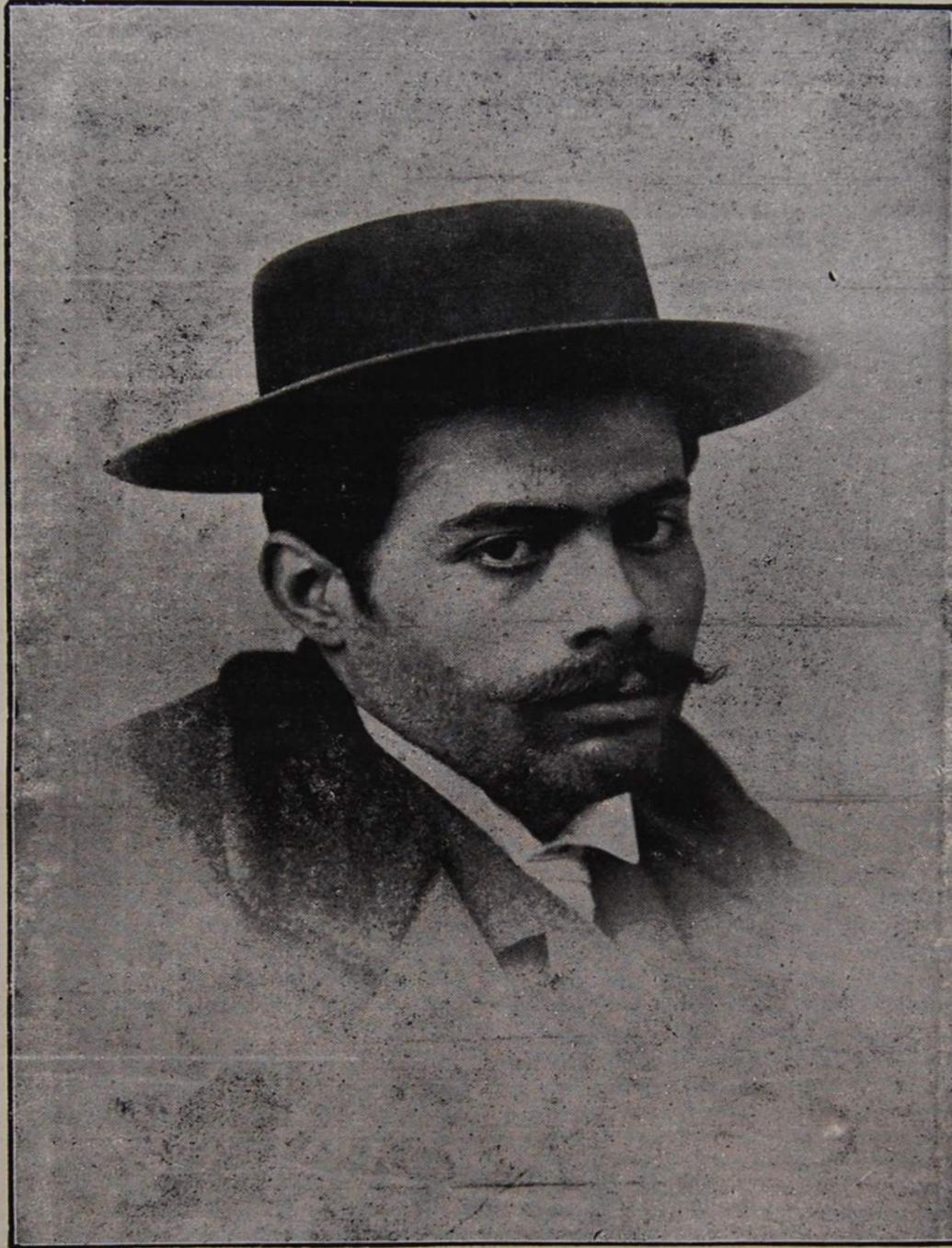
M. de Laranjeira sofre a nevrose do génio. É um individuo que passa com facilidade da alegria para a tristeza, da loquacidade para o mais feroz mutismo. Alegre, muitas vezes, durante o dia... quando a noite desce, torna-se inexplicavelmente triste. Sim, com a noite cai-lhe um crepusculo no seu intimo que é de perder o amor e o apêgo a tudo e mandar a vida ao raio que a parta. Com a tarde cae-lhe também uma melancolia venenosa, que lhe vem do fundo da alma. Sim, a noite traz-lhe tanta melancolia e desespero que será de noite que dirá adeus à vida.

Manuel de Laranjeira é um homem que só conversa com plena expansibilidade com meia dúzia de amigos ou consigo mesmo. Mesmo assim não se revela completamente embora diga que não se envergonha de desnudar-se diante dos que, pelo coração ou pelo espírito, considera como fazendo parte de si mesmo. «Dava a muitos a errado impressão de um homem frio, ceptico, influências do trivial estímulo afectivo. E, no entanto, era no fundo, duma impressionabilidade de quase infantil»

M. de Laranjeira não é um homem que se confessa. Por isso há tantas opiniões e tão divergentes sobre a sua persona-

lidade. É um homem tão avaro dos seus sentimentos, das suas acções, que poucos amigos o sabem poeta.

É nas suas cartas — conversas consigo próprio — que ele se revela verdadeiramente. Ele escreve para satisfazer a necessidade pes-



Retrato do Poeta aos 23 anos

soal de dizer aos outros o que pensa da vida e dos homens.

A ideia do Suicidio começa a surgir-lhe no pensamento como uma luzinha longínqua. Apesar da sua descrença nos homens, na Sociedade, na Vida, ainda dá á Vida certo valor. Mas se a Vida se lhe tornasse intolerável — liquidava-a. E a Vida só lhe será intolerável no momento em que se sentisse inútil para si e para os outros. Repete, sem querer, o mesmo pensamento de Antero «quando a vida não serve para nada nem para nós nem para os outros, atira-se para fóra como um fardo inútil».

Sim; ele ainda não odeia a vida; mas, como não lhe acha já beleza — **suporta-a.**

Suporta-a, talvez, porque encontra ainda na vida uma ou outra nota romântica. Apesar de saber-se feio e ver-se, muitas vezes, obrigado a recal-

Entre outros grupos de amadores dramáticos — e muitos havia em Espinho — distinguiram-se o Grupo Alegre Mocidade que levava à cena peças de grande espectáculo, operetas e revistas e o Grémio dos Imparciais que

cultivava o género de alta comédia e que também fundou o Orfeon de Espinho, sob a regência do dr. Fernando Matos.

Certa noite, Manuel Laranjeira assistiu no Teatro Aliança a uma récita do Grémio dos Imparciais com a peça em 3 actos «Como se ensinam valentes». Agradado do desempenho, manifestou a um amigo o desejo de contribuir para valorizar aquele conjunto, com qualquer coisa da sua autoria.

Zacarias Rodrigues, um dos amadores e ensaiador dos Imparciais, secundado por quem escreve estas linhas não perdia tempo em lembrar a Laranjeira o seu prometimento. Até que numa tarde, Laranjeira convidou-me a ir a sua casa para me ler alguma coisa do que já tinha escrito e, a certa altura, disse-me: Sabe qual o título? «Naquele engano d'alma...» e atalhou: não se assuste. Tendo tomado o tema dos Lusíadas evitei dar-lhe o fim trágico que pode presumir. Não morre ninguém.

A cena passa-se numa républica de estudantes e, naturalmente, tem um fio amoroso para reforçar o título. É uma farsa sem consequências de maior.

Tempo depois, dois mezes talvez, convidou-me a ir de novo a sua casa, para última leitura. Estava tudo pronto mas ainda podia meter qualquer outro personagem se eu entendesse, além de seis que já lá estavam, acrescentando: Gizei tudo de maneira a que ninguém fique descontente. Diga-me nomes. Lembrei-me então do Joaquim Rodrigues que tinha ficado sem papel. Nada mais fácil, me respondeu Laranjeira. Na altura em que outros vão ao quarto do Zé Maria em busca de elementos para estudo das suas especialidades o Joaquim Rodrigues vai também lá procurar uns ossos...

— «E calha bem, retorqui. Serão os ossos do ofício, pelo menos tratando-se do último papel que é atribuído a um dos componentes do Grupo».

Entre o Alegre Mocidade e os Imparciais existia uma rivalidade e, por tal motivo, o primeiro, detentor do então Teatro Aliança, recusou cedê-lo, não obstante

Continua na pág. 8

doam e compadeçam dele.

Sabe-se perdido. Ignora, apesar de médico, que é a tuberculose que o roe. Escreve a Unamuno: *sofro de hepatite; esta doença matar-me-á. Crê nisso. Ninguém o saberá. A morte é tão certa, tão certa, como o sofrimento. O sofrimento físico é estúpido quando irremediável. Só tem, portanto, uma coisa a fazer: matar-se. E, sem mais uma dúvida e uma hesitação, naquele dia 22 de Fevereiro de 1912, pelas 11 horas da noite, segura a custo (mas com firmeza) o revólver e mata-se «já que a vida lhe dera vontade de morrer».*

Da "Cartilha Maternal E A FISILOGIA" ALGUMAS RECORDAÇÕES

de Roberto Fernandes

Continuado da pág. 5

levado à realização do seu methodo, melhor do seu genialissimo poema educativo, precisamente para libertar as creanças da tortura deformante, atrophiadora, de aprenderem a ler por processos anti-naturaes. Com este espirito educador, se quizerem, com esta intuição educadora, João de Deus poderia não ter realizado o seu methodo: o que elle não realisaria nunca é um methodo mau. Os maus methodos só os realisam os que pensam mais em si, do que no interesse do alumno. E era sobretudo no interesse do alumno que João de Deus pensava: o seu desejo ardente, avido, de poeta e pae, era libertar o espirito das creanças da atmosphera deprimente, e da influencia mutiladora do ensino, tal como o via praticar. Para o educador ideal, tal como o biologista L. Dantec o define, já elle possuía metade das qualidades exigidas—que era pretender, com toda a sua alma de poeta soffregado de belleza creadora, dirigir no exclusivo interesse do alumno todo o seu condicionalismo em que se realisa o desenvolvimento da creança.

E, na verdade, conheceria elle todo o condicionalismo em que devia realisar-se esse desenvolvimento?

Conhecia.

Bem sei: poderia objectar-se-me que João de Deus não sabia physiologia.

Sim, decerto; João de Deus não era physiologista, era poeta. Não possuía o que propriamente poderia chamar-se conhecimentos de sciencia physiologica; mas possuía uma intuição maravilhosa,

de genio, que o fazia adivinhar verdades que elle não aprendera nos livros. Sabia a physiologia que a vida lhe ensinara, e sabia o bastante para se não enganar. Saber uma cousa porque se estuda, ou sabel-a por intuição—é sempre sabel-a. E, quando nos propomos applicar verdades que sabemos por estudo ou por intuição adivinhadora, obtemos o mesmo resultado. A's vezes até os que sabem por intuição, são os primeiros a chegar ao fim desejado; e nem admira, porque são esses por via da regra os que têm genio creador. Bem sei, bem sei: a intuição não substitue tudo; por intuição apenas, não se resolvem complicados calculos astronomicos. Todavia, no caso presente, vamos vel-o, a João de Deus bastou-lhe a intuição para realisar o seu methodo do ensino de leitura. Não sabia physiologia, é certo; mas tambem certas mães ignoram a sciencia physiologica, e, todavia, por intuição maternal que parece converter-se em subtiliza inventiva, fazem descobertas physiologicas prodigiosas de carinho e engenho, só para ensinarem melhor os filhos a andar ou a fallar. Isto quer claramente dizer que sabem physiologia bastante para poderem realisar integralmente a sua obra educativa. É essa physiologia necessaria e sufficiente para conhecer todo o condicionalismo infantil, sob este ponto de vista, sabia-o João de Deus, como o estatuario que, em horas de febre creadora, sabe physiologia bastante para modelar na greda indecisa a expressão justa e intensa d'um estado emocional.

várias diligências para se vencer tal resistência.

Na minha qualidade de elemento da Direcção dos Imparciais, ocorreu-me abordar a empresa do Cine Avenida e por parte dos seus proprietários obtive, finalmente, todas as facilidades para o fim em vista. Era pequena a sala pois não comportava mais que 250 espectadores.

Então, com a boa vontade de todos os associados da agremiação montamos um palco e com a ajuda do cenógrafo que familiarmente tratávamos por Zé da Pedreira—não obstante este fazer parte do grupo rival—tudo se resolveu.

Conseguiu-se, assim, estrear «Naquele engano d'alma...» com a assistência dum público escolhido entre a melhor sociedade de Espinho. Bem ou mal interpretado? Não me cabe dizê-lo por ser parte suspeita. Julgo, porém, que foi um êxito tanto para o autor como para os amadores.

Pensou-se numa «reprise» em homenagem a Laranjeira. Doente e tendo acamado, quebrados já os ressentimentos com o Alegre Mocidade, a récita foi marcada para o Teatro Aliança. Ali receberia o autor a consagração de todos os seus admiradores, dada a vastidão daquela casa de espectáculos. Sabíamos que Laranjeira piorava e elle bem o conhecia. Nunca, porém, lhe tiramos da ideia que ele se restabelesse e a data nunca foi alterada.

E para lhe ir alimentando a esperança desse dia, nunca os amigos lhe faltavam com palavras de conforto.

Zacarias Rodrigues e eu, iam repartindo a tarefa de levar os originaes à Tipografia Porto-

-Médico e revisar as provas do seu livro de versos «Comigo», que viu a luz da publicidade durante a sua doença.

Foi impossivel a Laranjeira assistir à segunda representação de «Naquele engano d'alma...», mas como lhe tinha prometido, levei-lhe, no fim, todas as palmas ali ouvidas que só a ele eram devidas.

Passaram-se uns dias. Numa das minhas habituais visitas ao seu quarto de doente, disse-me Laranjeira: Agora, vou recorrente ao iodeto. Se não «pegar», estou perdido, irremediavelmente perdido... Num sorriso como desdenhando das minhas palavras de esperança ao dizer-lhe que havia de curar-se, acrescentou: Isto já não vai com palavras de amigos!

Uma tarde, avisando-me a noite, retirei-me da cabeceira da sua cama para regressar a casa. Tinham decorrido uns vinte minutos, se tanto, quando estava a jantar e alguém veio dizer-me que Manuel Laranjeira se suicidára, disparando um tiro de revólver na cabeça. Abandonei a refeição e corri apressadamente a sua casa. Quando entrei no seu quarto, onde antes conversara com elle, verifiquei a realidade da má noticia. Um fio de sangue, manchando o travesseiro, corria dum ferimento do lado direito da cabeça, um pouco abaixo da orelha.

O seu corpo reduzido a quase um esqueleto nos últimos dias em que guardava o leito, sumia-se sob as roupas, depois de morto, apenas se divisando a sua cabeça de farta e desgrenhada cabeleira, a boca aberta como se ainda pudesse dizer a todos: «Irreverente como sempre fui, até me ri da Morte porque me antecipei a ela...»

Da «Doença da Santidade»

Continuado da pág. 5

como sendo uma tendencia exaggerada para a virtude.» (pg. 21).

«O que caracteriza o acto mystico, não é a forma por que se realisa, é o sentimento que o originou. É esse sentimento tem sempre uma feição typica, definida—a feição altruista. Decerto, o mystico pode ser um criminoso, no sentido legal. Isso significa apenas que a tendencia fundamental se accentuou de tal modo, que o acto ultrapassou o seu fim. É vulgar em mysticos o acto representar um exaggero morbido do principio e do sentimento que o originou. Quer dizer: esse acto é sempre commetido n'um intuito altruista, em nome de um ideal, Deus, Pátria, liberdade, anarchia, etc.» (pg. 23).

«A medida que esta tendencia mystica para a virtude se exacerba e accentua, a personalidade do mystico vai adquirindo uma progressiva estabilidade, até

atingir a fixidez que faz d'elle um automato, e até ficar prolongada no sentido que o seu ideal de virtude determina. Claramente: esta polarização realisa-se à custa d'uma parte da personalidade do mystico.» (pg. 25).

«A tendencia para a virtude, tomada no sentido physi-psychologico acima definido de «esforço para realisar uma conducta estabelecida por um systema de moral, religioso, politico, social» (a forma é o menos), pode resolver-se em quatro tendencias elementares a que Leuba chamou *tendencias fundamentaes da religiosidade mystica* e que na verdade são tendencias de toda a affectividade mystica. Estas tendencias são: 1.º tendencia à universalização da vontade; 2.º tendencia ao apaziguamento psychico; 3.º tendencia a satisfazer a necessidade d'um sustentaculo affectivo; 4.º tendencia ao goso organico.» (pg. 26).

Como o ideal do místico «está

sempre incluso n'um systema doutrinario que se propõe resolver o problema da felicidade humana, um dos primeiros esforços do mystico será universalisal-o, tornal-o effectivo para todos. Claro: a resistencia opposta na accettazione d'esse ideal não faz senão exacerbar esta tendencia mystica...» (pg. 26).

«O mystico esforçando-se por canalisar as tendencias humanas no sentido da virtude que o seu ideal impõe, tentando, em summa, estabelecer a universalização da vontade (na vontade divina, na pratica do seu ideal, patria, liberdade, etc.), não faz senão tentar que no mundo objectivo se passe exactamente aquillo que se passa no seu mundo subjectivo isto é, elle pretende que os outros homens, como elle, organisem e centralisem tendencias concordantes e reduzam e eliminem tendencias discordantes com os principios do seu systema doutrinario.»

MISTICISMO

Esta tendencia à universalização da vontade não é, pois, em summa, senão uma tendencia a crear em todos os outros o automatismo para que elle proprio tende. Portanto, a tendencia à universalização da vontade implica a tendencia à universalização do pensamento e a tendencia à universalização do sentimento. Uma vez universalizado o pensamento e o sentimento, a universalização da vontade opera-se de per si.» (pgs. 26 e 27).

R U M O

VENDE-SE
NO PORTO:

Livraria Portugalia

Tabacaria Joffro

Guerra Junqueiro

Continuado da pág. 10

divino: Guerra Junqueiro combate para destruir o imperfeito e realisar o perfeito. Como um santo, que, para viver em Deus, se adapta a Deus e não ao homem, Guerra Junqueiro combate o mal para glorificar o bem, guerrêa o injusto e a mentira para erguer a Justiça e a Verdade. Os mysticos não se adaptam á realidade; adaptam-se ao ideal.

Demolir cathedraes, derrubar algumas mitras, não é destruir a religião. A's vezes é afirmar a religião. A religião para Junqueiro não está em Roma, nem em Meca: estende-se ao universo, abrange o mundo. Não é a cegueira fanatica d'alguns crentes: é a crença. Não é a religião de alguns sêres: é a religião do Sêr.

Por isso, apesar d'essa lenda falsa que fazia d'elle um poeta anti-religioso, um corruptor de consciencias immaculadas, elle é um poeta essencialmente mystico.

Mystico por temperamento, filho d'uma raça mystica e heroica, a sua obra d'arte é uma affloração de mysticismo epico, onde estremece o sangue portuguez e a alma portugueza. Como aquelle poeta a que Garrett chamou «o corpo da maior alma que deitou Portugal», o altissimo poeta da *Patria* é neste momento para nós o symbolo grandioso da alma de Portugal, a synthese da alma collectiva, d'essa alma que parece adormecida e da alma d'esta terra que parece estagnada e morta e em cujas entranhas germinam silenciosamente, obscuramente, espiritos creadores, attingindo as alturas em que só vôm o genio e as aguias.

Se hoje, em Portugal, alguém existe que possa orgulhar-se de sentir bater-lhe no peito a alma da nossa terra, esse alguém é Guerra Junqueiro. Elle exprime e resume, emblema vivido e humano, a nossa aspiração para uma vida superior; elle é o Interpretete, emersoniano *representative man*, d'esse desejo vago e forte de redempção que parecia jazer latente no seio da carne portugueza como diamante radio-so esquecido no ventre da terra.

E' de resto o retrato que d'elle faz o pintor António Carneiro n'uma d'essas horas de aspiração em que o artista sobreexcede para abranger na sua retina poderosa a alma das cousas e dos homens.

D'um fundo difuso e crepuscular, como o do *Precursor* de Leonardo Vinci, a cabeça do poeta, aquilinia e dominadora como a fronte radiante de um apostolo extasiado, resalta para a claridade, como uma ideia germinada na alma brumosa do chaos a irromper para a luz. Nessa tela inolvidavel, a phisionomia de Guerra Junqueiro tem a expressão do typo humano e avulta como symbolo d'uma humanidade que nos dá a sensação consoladora e orgulhosa de sermos homens.

Precisamente por isso, porque a personalidade de Guerra Junqueiro abrange a latitude do symbolo, é que ella é difficil de defi-

nir. Para a definir uma phrase basta, ou é necessário todo um livro.

De resto para que tentar definir-a neste momento em que os nossos destinos atravessam a sua hora decisiva? Antes de tudo o que se nos impõe a nós portuguezes, n'esta hora tragica para nós é ir em peregrinação nacional, em peregrinação mystica, — e porque não? — em busca da fé que nos é precisa a casa d'esse poeta que guarda no peito a alma de Portugal cantando dolorosamente a sua ancia de ressuscitar.

Guerra Junqueiro é por temperamento, pelo sangue, pelo determinismo physiologico da carne, pelo fatalismo do espirito, se quizerem, um poeta epico e um poeta mystico.

Talvez a sua origem de raça, melhor, a sua hereditariedade, explique um pouco o caracter da sua arte. Guerra Junqueiro é transmontano o que decerto modo esclarece o espirito epico da sua obra; e a sua religiosidade transcendente, exuberante, talvez possa attribuir-se á influencia de sangue judaico, esse sangue que alimentou a alma de Spinoza, o philosopho sereno d'essa religião ideal de que Guerra Junqueiro é o supremo poeta.

Talvez, talvez: uma tal hypothese não seria totalmente destituida de fundamento. Teria pelo menos verosimilhança.

Um admirador do caracter ethnico regional da raça portugueza transmontana dizia-me ha dias estas palavras calorosas, de culto: «Admiro o caracter transmontano como se admira tudo o que é forte e sereno. E o traço mais saliente do caracter transmontano é a força, na significação nobre do termo. Em Traz-os-Montes, mesmos os assassinos matam lealmente, arriscando a propria vida. Seja qual fôr o ideal porque combata ou se sacrifique, o gesto do transmontano é sempre um bello gesto de força, de coragem e de simplicidade. O navegador Fernão de Magalhães era transmontano; o capitão Roçadas é transmontano; as nossas campanhas d'Africa são feitas com soldados transmontanos. O proprio Guerra Junqueiro é um exemplar triumphal d'essa caracteristica raça. A força, quando se converte em arte, é poesia epica. E Junqueiro é um poeta epico, — é o poeta dos fortes».

Esta opinião não deixa de conter um fundo de verdade, áparte o que n'ella possa haver de hyperbolico e exagerado.

De resto esta hypothese serviria para explicar singelamente, sem recorrer a outras hypotheses muito problematicamente architectadas, a chamada *crise mystica* de Guerra Junqueiro.

A meu vêr, Guerra Junqueiro nunca atravessou na vida uma crise philosophica e moral, pela bem simples razão de ter sido sempre um mystico. Uma crise mystica é sempre uma derrocada moral e uma elaboração moral

AMOR

DA PEÇA

Almas Românticas

Continuado da pág. 10

nós... Deixamos de amar alguém, mas continuamos a amar o nosso phantasma... Morre este ou aquelle amor — mas não morre o amor. Quer mais claro o mysterio?

Turcifal, (succumbido): — Tens razão... Foi assim... deve ter sido assim que eu disse... Eu dizia essas coisas naquelle tempo em que não tinha medo á verdade... naturalmente porque não tinha uma felicidade — p'ra a verdade m'a matar... Depois amei e fiz-me cobarde... Esqueci-me, porque sou mais cobarde do que tu, porque tenho mais medo á verdade do que tu...

(*Um silencio confrangido, funebre.*)

Maria Augusta: — E agora outra cousa: amanha vou-me embora. E' melhor...

Lina: — Tu deixas-nos?

Maria Augusta: — Por algum tempo apenas; enquanto elle ahí estiver. E' para evitar algum desgosto que elle possa dar-nos por minha causa. Pelos modos elle está resolvido a tomar muito a serio... a sua ressurreição moral.

Turcifal, (energicamente): — Tu não vaes embora amanha. Não! (*Fitando-a com insistencia como a querer penetrar-lhe o pensamento:*) ... A menos que não tenhas medo d'elle?

Maria Augusta, (confiada): — Não tenho medo, não! Porquê? Eu nem de mim mesmo já tenho medo... Mas acho que devo ir-me embora p'ra o evitar como se evita... — como se evita a lama da rua...

Turcifal, (mudando de tom): — Bom: vae dormir... se pudes. Amanha veremos o que se ha de fazer ao ressuscitado... Boa noite. (*Estende-lhe a mão.*)

Maria Augusta, (apertando-lhe o mão): — Boa noite. (*Approxima-se de Lina a beijal-a:*) Boa noite. E não chores, ouviste? Chorar é a felicidade das almas fracas. E' uma cobardia chorar, quando se tem a felicidade nas mãos. Tu não podes queixar-te da vida... que te não dará — o grande desengano. Ama e não chores. O grande sonho da tua vida era encontrar o teu phantasma d'amor... Ah! o tens.

Lina: — Dizes isso com a amargura de quem já não espera encontrar-o!

Maria Augusta: — E p'ra que me servia encontra-lo? Para o perder — e calar-me. Melhor é que o não encontre...

Lina, (avidamente): — E se o encontrasses...?

Maria Augusta, com voz fria: ... — Calava-me.

Lina: — Tu...?!

Maria Augusta, com um sorriso designado, estoico: — Eu, filha, contento-me em trazel-o dentro de mim. Não sou ambiciosa, Isto me basta. (*Beijando-a:*) Boa noite

Lina, (beijando-a distrahida): — Boa noite...

Mounet-Sully no "Rei Oedipo"

Continuado da pág. 10

formaram o mais bello povo da terra.

E, se ha alguma coisa que melhor defina o caracter d'esse povo, d'essa raça privilegiada, é a sua esculptura, é o seu carinho pela belleza plastica, por essa segunda lingua materna, sadia e pagan como a alma da terra. Os seus dramas são esculpturas, as figuras estatuas animadas, a sua vida é uma esculptura viva, as suas poesias lyricas lembram as pregas onduladas, suaves, escul-

pturais, das suas tunicas. Os seus porticos, os seus templos, os seus anfiteatros, toda essa maravilhosa architectura, que parece rebentar espontanea da terra e erguer-se para a claridade limpida do céu azul, luxuriosa como uma floresta petrificada num mar de luz, como um bosque de marmore adormecido à tarde na transparencia da atmosphaera quieta, são apenas fundos grandiosos para as estatuas dos seus

Continua na pág. 2

consecutiva: é uma inversão penosa da formula do sentido da vida. Em Guerra Junqueiro nada d'isto se passou. Na sua obra não ha nada que indique a existencia d'um d'esses cataclysmos affectivos que constituem o fundo de todas as crises mysticas. E' ler com cuidadosa atenção a *Morte de Dom João* e a *Velhice do Padre Eterno* e lá encontrarão em germen as orações pantheistas. Que os seus primeiros poemas são essencialmente intuitivos e os ultimos, a *Oração á luz*, por exemplo, são essencialmente racionados, é innegavel. Nem mesmo podia ser d'outra forma, visto ser essa a trajetoria evolutiva de

todos os artistas de genio. Mas, e isto é que é fundamental, desde a *Morte de Dom João* até á *Oração á luz*, a sua obra é sempre a mesma mystica semente de emoção germinando e florescendo em versos epicos como linhas de cathedraes e hieraticos como versiculos sagrados.

E decerto, para nós portuguezes, n'este momento, d'esses versos, os mais bellos, os de mais intensidade mystica, os de mais religiosidade epica, são aquelles em que o poeta n'uma hora em que sentiu bater dentro de si a alma da sua terra, cantou dolorosamente as desgraças e as esperanças da sua patria.

Como os livros sagrados de certos poetas mysticos da antiguidade, a obra de Guerra Junqueiro é constituída por um grupo de poemas que poderiam ser englobados para formar uma grande e vasta epopeia religiosa.

E' que o altissimo poeta da *Patria* é essencialmente um poeta épico e um poeta mystico. A *Patria*, que é uma grandiosa epopeia nacional, é, no dizer do proprio poeta, — um poema religioso. A *Oração á luz* é o canto fervoroso d'uma epopeia pantheista, que faz recordar a grandeza dos canticos sagrados, dos hymnos vedicos.

Atravez dos tercetos finaes da *Patria*, em que o poeta evoca o perfil cavalleiroso e santo do condestabre e a alma sublime e simples d'essa extranha figura de heroe e louco, passa o sopro de entusiasmo épico e religioso que animou as melhores estancias dos *Lusiadas*. Desde Camoens, ninguem como Guerra Junqueiro encarnou poeticamente a fé heroica e a simplicidade epica da raça portugueza.

A *Morte de Dom João* e a *Velhice do Padre Eterno* são os dois primeiros cantos d'uma epopeia religiosa inacabada. O *Prometheu Libertado* seria o canto final d'essa epopeia, melhor, a ultima parte d'essa trilogia epica. *Os Simples*, sendo o poema das cousas obscuras e humildes e das almas silenciosas, nem por isso deixa de irradiar aquella religiosidade epica que envolve n'uma atmospheria luminosa e mystica toda a obra do poeta.

Guerra Junqueiro dizia-me uma vez «o conflicto de dois atomos de hydrogenio com um atomo de oxygenio era um espectáculo que o emocionava como a

tragedia do Calvario». Isto define o caracter epico e religioso da sua poesia. Para Guerra Junqueiro não ha grandes tragedias, nem pequenas tragedias: ha tragedias ruidosas e tragedias de silencio — a tragedia do Calvario e essa tragedia muda, luminosa, que é o *Prestito funebre*. O Doido sacrificado, o carvalho morto, o melro suicida, o trigo esmagado, são sempre a mesma epopeia tragica, a mesma tragedia de redempção libertadora. De resto, para Guerra Junqueiro, no universo ha uma tragedia unica, a mesma sempre: é a tragedia do Sêr, subindo, subindo sempre, dolorosamente, amoro-

um poeta mystico, corresponde a afirmar um paradoxo vão e indemonstravel, mais, um absurdo manifesto.

E todavia é assim. Guerra Junqueiro é um poeta religioso. Nunca foi outra cousa. Affirma-o o poeta e, mais do que o poeta, a sua obra.

E' paradoxal?

Mas é assim. Foi sempre assim em todos os tempos e em todos os logares.

Scheller dizia «não professava religião nenhuma — em nome da religião». Guerra Junqueiro, o ruidoso demolidor da *Morte de Dom João* e da *Velhice do Padre Eterno*, não contradiz Guerra

GUERRA JUNQUEIRO

POR Manuel Laranjeira

samente, anciosamente, para as divinas claridades. A sua poesia é uma perpetua aspiração para uma atmospheria de perfeição mystica e de grandeza heroica. Para o grande poeta o sentido da vida é subir, é a ascensão ardente dos homens e das cousas até Deus, é o Sêr percorrendo, fervoroso a infinita escala da perfectibilidade moral.

A ascensão até á divindade, como synthese de uma philosophia poetica, não basta para definir o caracter epico e religioso da arte em Guerra Junqueiro?

Eu bem sei que, para muitos, dizer que Guerra Junqueiro é

Junqueiro, o mystico das oraçoens pantheistas: affirma-o. Guerra Junqueiro combateu muitas cousas religiosas, em nome da religião. Nun'Alvares, antes de ser o santo, foi o combatente. E, antes de combater, ajoelhava para resar. Guerra Junqueiro antes de entrar a demolir como um titan formidavel superstiçãos e mentiras religiosas, tambem ajoelhava deante do seu ideal para erguer-lhe um hymno de fé. Será bom não esquecer que a *Morte de Dom João* abre por uma «Introdução», que é um cantico cheio de extactica beatitudine á Justiça e á Verdade; e que



Caricatura de Diogo de Macedo

a *Velhice do Padre Eterno* começa por uma ode enternecida «Aos Simples», que é um transe de fé irradiando da alma de um crente. A *Patria*, antes de irromper n'um canto esplendoroso de religiosidade epica, é uma rajada santa de indignação contra tudo o que conspurca e devora o chão sagrado de Portugal.

Guerra Junqueiro é um poeta demolidor? Decerto — em nome do ideal. Demolir, em Guerra Junqueiro, não significa um acto de puro negativismo: é um acto de afirmação, é uma fórmula de proclamar a sua religiosidade, o seu ideal.

A sua arte não é uma força dissolvente, é uma inergia constructiva. Não destroe, cria.

Demolidor? Sim, de fórmula mystica. E' um demolidor genésico. Como um mystico que combatia a vida da terra para edificar a vida do ceu; como um santo que derrotava o homem carnal para purificar-se e crear o homem

Continua na pág. 9

Mal sonhára eu que ainda um dia poderia ver mover-se ante o meu olhar extasiado, resuscitada, viva, essa Grecia da idade do ouro, essa lendaria Hellade da Belleza, que a minha imaginação evocava ao contemplar a divina eurythmia, flexuosa e forte, das suas estatuas nuas, e a minha phantasia adivinhava nas hieraticas figuras das suas tragedias sombrias como as mais tenebrosas vias do inexoravel destino.

E contudo essa resurreição estupenda, que parece refractaria aos mais supremos esforços da plasticidade humana, inconcebível quasi, realisa — a Mounet-Sully, harmoniosa, quente, íntegra, na sua planitude de expressão, ao fazer fluminar e viver no seu corpo todo o sangue, toda a alma, toda a vida,

todo o crime, todo o incesto, todo o horror, toda a desgraça, do rei Oedipo.

São prodigiosos os recursos da plasticidade d'esse homem. Elle petrifica attitudes; elle coalha expressões inolvidaveis; elle dá ao corpo todas as ondulações sobrias e classicas dos marmores quentes e sensuaes; elle reflecte,

MOUNET-SULLY NO "REI OEDIPO"

POR

MANUEL
LARANJEIRA

como num espelho magico, a infinita variedade dos sentimentos e das paixões — o terror sagrado, a duvida fugitiva, a altivez magestatica, a serenidade olympica, a dôr fatidica das victimas do destino, a supplica angustiosa que abranda pedras e não commove deuses, o amor paternal e doloroso, a anciedade da desgraça mysteriosa, o asco de

si mesmo, tudo o que ha de fragil e grandioso no barro da natureza humana; elle faz da sua carne a greda maleavel e maravilhosa com que, sem desmanchar uma vez sequer a pureza hellenica das linhas,

exprime todas as modelações, variadas até ao infinito, d'essa lingua viva do movimento, inegalavel no rythmo, que, no dizer justo de Mathias Duval, constituia para os gregos como que uma segunda lingua materna. Quando se ergue e apruma, lembra o vulto heroico e esculpural dos deuses immortaes;

quando cahe, é uma estatua derubada pela mão impiedosa do destino.

E, quando elle, escorraçado pelos deuses irritados, os olhos sangrando expiação, pregados com a fixidez da cegueira no abysmo tenebroso das suas recordações amargas, abominaveis, vergado pela fatalidade impassivel, taciteando, doloroso e incerto, o chão, abandona o solo da patria, guiado pela mão piedosa de Antígona, o meu olhar hallucinado continua a vel-o ainda, errante pelas campinas ondulosas, pelos silvedos das collinas banhadas d'uma luz doce e oriental agonisanda na tranquillidade da tarde melancholica; emoldurado nas columnatas dos porticos; rojando-se pelos tempos, a mendigar a misericordia dos deuses que o expulsam sem treguas; morto de cansaço nas pedras á orla dos bosques sagrados ou dos caminhos silenciosos, arrastando-se sempre, perseguido por todos, pelos filhos ambiciosos, pelas sombras do seu crime e do seu incesto; expiando a ignominia da sua raça, como alguém que fugisse de si mesmo...

E, como esse velho thebano, que, na hora angustiosa do exilio, ao offerecer ao seu rei despenhado

o amparo d'um cajado, lhe beija a mão, religiosamente, na commoção supersticiosa do seu affecto, eu senti impetos de ir lá dentro e beijar tambem a mão do assombroso artista, n'uma effusão de agradecimento.

*

Mounet-Sully não realisa apenas a attitude d'um typo humano em face da vida e do destino. Realisa mais: realisa a alma d'uma raça inteira. E não é por um trabalho, obtido á custa de intuição apenas, que elle consegue ser grego até á medula da alma. Ha ali o estudo cheio de culto e affecto, o esforço pertinaz, a paciencia inexgotavel, do homem que passou horas e horas a decifrar a alma d'um povo extinto nas linhas sobrias das suas estatuas, na simplicidade austera, harmoniosa, dos seus templos, dos seus palacios, da sua architectura toda, a descerrar as dobras hieraticas das mortalhas enigmaticas dos seus tumulos, a desvelar o segredo terrivel dos fados na face mysteriosa das esphynxes. Ha a reconstituição mental d'um mundo, a resurreição plastica, perante a visão de seu espirito genesiaco, d'essas geraçoens que

Continua na pág. 9



Caricatura de Amadeu Cardoso